

ARTISTA ESTELA CAMPOS: FONTES DISPONÍVEIS (1957-1965)

ARTIST ESTELA CAMPOS: AVAILABLE SOURCES (1957-1965)

Gil Vieira Costa / UNIFESSPA

RESUMO

Este trabalho busca apresentar informações sobre a artista brasileira Estela Campos, que atuou no campo artístico no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. São apresentadas, transcritas e comentadas algumas fontes disponíveis sobre sua atuação artística, que passa por exposições individuais, mostras competitivas e publicação em jornais e livro. A maioria dessas fontes permanece inédita ou pouco conhecida. Assim, o artigo busca dar acessibilidade a esses documentos, de modo a contribuir com as pesquisas sobre Estela Campos.

PALAVRAS-CHAVE:Estela Campos; arte brasileira; história da arte

ABSTRACT

This paper seeks to present information about the brazilian artist Estela Campos, who worked in the artistic field in Brazil in the 1950s and 1960s. Some available sources about her artistic practices are presented, transcribed and commented upon, which includes individual exhibitions, competitive exhibitions and publication in newspapers and books. Most of these sources remain unpublished or little known. Thus, the article seeks to provide accessibility to these documents, to contribute to the research on Estela Campos.

KEYWORDS:Estela Campos; brazilian art; art history

Considerações iniciais

Não é incomum, na história da arte em geral, que alguns artistas alcancem grande reconhecimento após largos períodos de invisibilidade ou rejeição. O caso inverso, porém, também pode ser constatado: artistas legitimados em seu tempo podem vir a perder importância no decorrer de algumas décadas. Estela Campos (Figura 1) é um desses exemplos. Após ter êxito no campo artístico das cidades em que expôs, a artista foi vitimada por um gradual e persistente esquecimento público.

Ainda assim, tudo indica que sua produção foi importante para consolidar o abstracionismo no campo artístico em Belém, Pará, assim como representou uma terceira via, entre as práticas construtivas e as informalistas, ganhando visibilidade em Rio de Janeiro e São Paulo. Portanto, é necessário investigar sua produção, ainda que até o momento não se tenha localizado nenhuma obra da artista em acervos públicos ou particulares.



Figura 1: Estela Campos, fotografia publicada em jornal.
Fonte: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 ago. 1960, Caderno 2, p. 2.

A ausência ou inexistência das obras de Estela Campos, hoje, mais que constituir uma impossibilidade metodológica para a história da arte, indica uma condição presente nesse campo de estudos: a necessidade de se confrontar com obras mortas, desaparecidas, fragmentadas ou inexistentes, conceitualizada como 'cripto-história de arte' por Vítor Serrão (2001). Ainda que só nos restem os rastros dessa produção (de Estela Campos como de outros artistas, decerto), é somente sua investigação que nos possibilita revisitar a historiografia da arte brasileira.

É nesse sentido que este artigo busca mapear e disponibilizar as fontes sobre a obra de Estela Campos, para facilitar aprofundamentos futuros. Em que pese a escassez

de informações sobre a artista, é possível encontrar os rastros de sua produção em fontes primárias e secundárias, disponíveis em arquivos de instituições culturais. A lista que segue indica as fontes mais relevantes mapeadas até o momento, e oferece um percurso sólido para se aproximar da atuação da artista.

Fontes consultadas

1) Coleção documental sobre a artista no AHWS/FBSP (Arquivo Histórico Wanda Svevo da Fundação Bienal de São Paulo). A pasta 'Estela Campos' contém: três catálogos de exposições individuais da artista (1959 em Belém, 1960 e 1962 no Rio de Janeiro); três fotografias em preto e branco de obras da artista (duas datadas de 1957 e uma de 1965); fichas de inscrição da artista em quatro edições da Bienal Internacional de São Paulo (1953, 1961, 1963 e 1965); mais de quatro dezenas de correspondências (cartas e telegramas) trocadas entre a artista e representantes da instituição entre 04 de maio de 1953 e 14 de julho de 1966; quinze recortes de diferentes jornais sobre a artista publicados entre 19 de setembro de 1958 e 11 de novembro de 1962.

2) Participação nos campos artísticos em Belém e Rio de Janeiro, documentada nos jornais da época, disponíveis respectivamente na Biblioteca Pública Artur Viana (Fundação Cultural do Pará), no caso de suas exposições individuais realizadas em Belém, e na Hemeroteca Digital Brasileiraⁱ (Fundação Biblioteca Nacional), no caso de suas individuais no Rio de Janeiro e suas participações nas Bienais de São Paulo.

3) Menção em catálogos de três edições da Bienal Internacional de São Paulo (1961, 1963 e 1965).

4) Publicações literárias de sua autoria. Estela Campos teve muitos textos seus publicados em jornais no início da década de 1960, como, por exemplo, no "Suplemento Dominical" do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. Além disso, também publicou o livro *Kalta-ítsia*, editado pela então Universidade do Pará em 1964.ⁱⁱ

Transcreverei e comentarei, agora, os textos mais importantes entre as fontes consultadas, no que diz respeito à produção artística de Estela Campos, buscando manter uma abordagem cronológica.

1953: inscrição na II Bienal de São Paulo

COSTA, Gil Vieira. Artista Estela Campos: fontes disponíveis (1957-1965), In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2496-2510.

Estela Campos não chegou a participar da II Bienal de São Paulo. Mas o AHWS guarda sua ficha de inscrição. A artista submeteu cinco trabalhos: a escultura em gesso *Visão cósmica* e quatro desenhos sobre cartão, intitulados *Movimento embrionário*, *Figura*, *Desintegração cerebral* e *Evolução biológica*. A ficha está datada em 29 de abril de 1953.

Quase quatro meses depois, um jornal (II BIENAL, 1953, p. 11) informa que Estela Campos se inscreveu por meio do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e dá a entender que houve alguma irregularidade, solicitando providências. Não constando seu nome no catálogo da mostra, conclui-se que não tenha sido selecionada – fato seguido por uma pausa nos rastros de suas atividades artísticas. Os indícios dessas atividades só reaparecerão em 1957, com sua primeira exposição, em Belém.

1957: primeira exposição individual, Belém

Em 1957, Estela Campos realizou exposição individual em Belém (Figura 2), nos salões da Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará, um dos espaços expositivos tradicionais à época. Não foi encontrado nenhum catálogo referente à mostra.



Figura 2: Registros da abertura da exposição de Miranda Campos, Belém, 1957.
Fonte: **A Província do Pará**, Belém, 22 ago. 1957, Caderno 2, p. 6.

Nos jornais, as notícias tratam da exposição de pintura e escultura de Miranda Campos (conferir, por exemplo: EXPOSIÇÃO, 1957, p. 7; UMA, 1957, p. 6). Como se pode perceber nas fotografias de duas obras (Figura 3 e 4) de Estela Campos datadas de 1957 (que talvez tenham feito parte dessa mostra e/ou das seguintes), disponíveis no AHWS, naquele momento a artista também assinava “E. Miranda Campos”. O porquê da adoção desse codinome permanece sem resposta.

A mostra foi anunciada como a primeira exposição de arte abstrata na cidade (A BIBLIOTECA, 1957, p. 3; INAUGURADA, 1957, p. 6). Um jornal publicou fotografia de uma das obras (Figura 5). Os dois comentários críticos mais extensos são favoráveis à artista. Um deles menciona obras inteiramente abstratas, assim como momentos de retorno ao figurativo, e demonstra reacear as controvérsias que a estética abstracionista poderia suscitar na cidade (INAUGURADA, 1957, p. 6).



Figura 3: Registro da obra *Figura nº 5*, Série RT, assinada E. Miranda Campos, 1957.
 Figura 4: Registro da obra *Figura nº 15*, Série RT, assinada Estela Campos, out. 1957.
 Fonte: Pasta “Estela Campos”, AHWS.

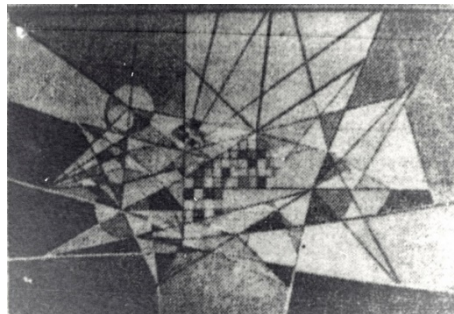


Figura 5: Registro de obra de Miranda Campos, 1957.
 Fonte: **Folha do Norte**, Belém, 21 ago. 1957, Caderno 1, p. 7.

Outro comentário, assinado pelo intelectual Inocêncio Machado Coelho, (1957, p. 8) também não deixa dúvidas a respeito do abstracionismo praticado por Estela (Miranda) Campos, filiando-a aos europeus Georges Braque e Fernand Léger. O texto de Machado Coelho chega a assinalar um lugar de destaque para a exposição, “a coisa mais séria que já se apresentou nesta terra” (COELHO, 1957, p. 8).

1958: segunda exposição individual, Rio de Janeiro

Em 1958 a artista viajou ao Rio de Janeiro patrocinada pelo Governo do Pará e pela Companhia Paraense de Transportes Aéreos (CAMPOFIORITO, 1958a, p. 7), com o propósito de realizar exposição na (até então) capital do país. O texto de apresentação da mostra foi escrito por Quirino Campofiorito e replicado no folheto da terceira exposição individual de Estela Campos (Belém, 1959), impresso disponível no AHWS, transcrito na íntegra a seguir:

ESTELA CAMPOS traz uma mensagem de significação estética que se traduz em legítima linguagem plástica contemporânea. Esta moça de Belém do Pará, cheia de talento, revela-nos um mundo íntimo, – animado de um poder de sensibilidade orgânica que extravasa como um universo de imaginação e insatisfação impossíveis de serem retidos. Há no íntimo ser da artista uma energia que age em potencial, como a querer abandoná-lo, estabelecendo um permanente impulso para além do espaço originário. Sensação e criação que a arte modernamente tão bem sintetiza, constituem o novo espaço no qual projeta-se esta energia. Aí está o significado que podemos emprestar à obra de ESTELA CAMPOS, rica de liberdade formal e estuante fantasia. Na série de trabalhos que ora nos mostra, podemos apontar duas fases distintas. Na primeira, em que é mais decidido o interesse informal, age sempre um verdadeiro dinamismo cósmico a se desenvolver desde centros dominantes e a eles convergindo em ação alternada constante. A forma geométrica tem concordância com a expressão estética. Na segunda fase, esses ritmos e movimentos, consoante a expansão anterior, organizam-se n'uma unidade que atinge o significado da figura, no qual ainda vale a inteira fantasia artística. Surgem, então, inscrições avulsas, dispersas, símbolos desirmanados que, na disparidade de sua congregação ao todo formal, trazem a mensagem sem dúvida muito cifrada, que a pintora procura condensar num consenso plástico. A própria artista pode quedar-se como espectadora também desse mundo sentimental que se constitui integralmente além da própria criatura e passa a ter vida autônoma na complexa visualidade que as suas composições concretizam. Satisfações muitas vezes, insatisfações também, mas sempre uma visualidade capaz de se garantir de surpreendentes encantamentos cromáticos e movimentações de estranho dinamismo plástico. Abstração, onirismo, totemismo, primitivismo?

As técnicas e os materiais são secundários para ESTELA CAMPOS. As tintas sobre papel, porém, parecem oferecer maior oportunidade aos seus desejos estéticos. De 1948 residiu em Portugal. Teve ocasião de conhecer a Espanha e a França. Em Lisboa estudou com Almada Negreiros e Sara Afonso (pintura), João Fragoso (cerâmica) e Martins Corrêa (desenho). Expôs no Salão de Cerâmica Moderna (Lisboa, 1951). Em 1957 realiza em Belém (Estado do Pará) sua primeira exposição individual, tendo alcançado pleno êxito. Agora chega do Rio de Janeiro para uma curta estada e realizar a presente mostra, numa viagem de intercâmbio, patrocinada pelo Governo do Pará, com a colaboração da Companhia Paraense de Transportes Aéreos (CAMPOFIORITO, 1959).

Por conta das proporções do campo artístico e da imprensa no Rio de Janeiro, houve mais apreciação crítica da obra de Estela Campos nessa cidade do que em Belém. Porém, para além do patrocínio e da repercussão crítica positiva, esta segunda exposição individual de Estela Campos também enfrentou alguns empecilhos. A artista chegou ao Rio de Janeiro ainda em agosto de 1958, trazendo cerca de cento e setenta obras na bagagem (BENTO, 1958, p. 6). A realização de sua mostra, entretanto, esbarrou na indisponibilidade dos espaços expositivos da cidade (MORAES, 1958, p. 6). Somente em 18 de setembro daquele ano Estela Campos pode apresentar sua exposição, ainda que de maneira um tanto prejudicada: o local que a acolheu foi a Livraria São José (não sendo, portanto, um espaço expositivo especializado), houve lugar para apenas trinta obras (entre mais de uma centena das que trouxera de Belém) e a duração da mostra foi resumida a cinco dias, encerrada em 23 de setembro (CAMPOFIORITO, 1958b, p. 3).

Ainda assim, pode-se dizer que Estela Campos não passou despercebida pela crítica carioca, tendo sido bem avaliada. A cobertura jornalística dada por Eneida de Moraes, Mário Barata e Quirino Campofiorito parece natural, dadas as relações destes com Belém. Menciono, portanto, a crítica de um personagem a princípio mais neutro, como Antônio Bento, que identifica uma primeira fase abstrata, sob influência de Kandinsky, e uma segunda fase surrealista, com uso de “formas, de símbolos, de poemas ou de palavras soltas”, “linguagem cifrada” e de uma “originalidade irrecusável”, e que viu na exposição “uma novidade a quebrar a rotina do ano” (BENTO, 1958, p. 6). Também o crítico José Roberto Teixeira Leite comenta sobre aquela exposição de Estela Campos, em dois textos distintos (LEITE, 1958a; 1958b). Em ambos o teor é semelhante: admirou a composição visual das obras, mas não se agradou daquelas em que a artista fez uso de uma escrita simbólica. Sua crítica dá a entender que a artista habitava o limiar entre uma concepção modernista de obra como pura visualidade e outra distinta, da obra como informação, conceito ou intertexto.

1959: terceira exposição individual, Belém

Em 27 de maio de 1959 se inaugurava a terceira exposição individual de Estela Campos, novamente na Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará. O catálogo desta mostra, disponível no AHWS, nos informa que a mesma foi realizada “sob os auspícios da Sociedade Artística Internacional (SAI)”, instituição não governamental que parece ter capitaneado o debate cultural em Belém nos anos 1950.

Após o êxito de sua exposição no Rio de Janeiro, Estela Campos naquele momento era considerada uma artista “já consagrada”, situada em “plano de destaque no movimento moderno” da arte brasileira, o que motivou grande interesse por sua nova mostra, inaugurada com o “comparecimento das mais destacadas figuras do meio intelectual e artístico [de Belém]” (INAUGURADA, 1959, p. 6).

O folheto informa os títulos de dezoito obras, divididas entre ‘composições’ e ‘figuras’, além de replicar o texto de Quirino Campofiorito para a exposição anterior, transcrito acima. Há também pequenos trechos de críticas publicadas sobre a exposição de 1958, assinadas por Eneida de Moraes, Antônio Bento, José Roberto Teixeira Leite, Mário Barata e Quirino Campofiorito. Um dos registros fotográficos publicados em jornal (Figura 6) apresenta, tanto quanto possível, algumas das obras expostas.

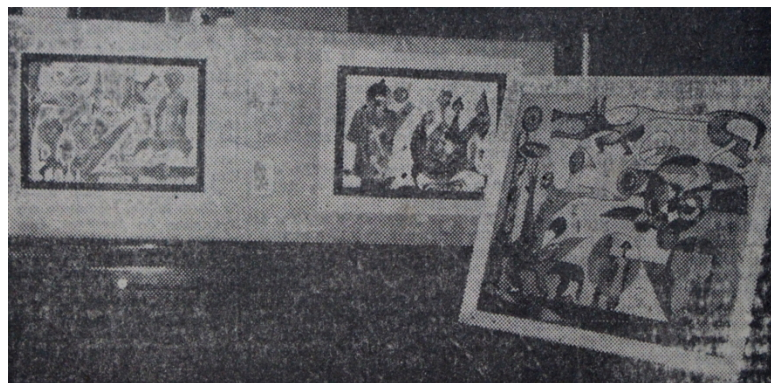


Figura 6: Registro da abertura da exposição de Estela Campos, Belém, 1959.
Fonte: **A Província do Pará**, Belém, 28 mai. 1959, Caderno 2, p. 6.

A recepção local parece ter sido novamente positiva, como nos mostra um texto assinado por Joaquim Francisco Coelho. Ainda assim, é perceptível a inquietação da crítica em suas tentativas de assimilação do trabalho da artista, assim como a percepção de que essa obra “se volta para o inconsciente” e para uma “busca de caráter metafísico” (COELHO, 1959, p. 8).

1960: quarta exposição individual, Rio de Janeiro

Em 1960 Estela Campos voltou a expor no Rio de Janeiro. Conforme o folheto da exposição, a mostra contou com vinte e quatro trabalhos, divididos entre 'desenhos' e 'tessituras'. O registro de uma das Tessituras foi publicado em jornal (Figura 7).

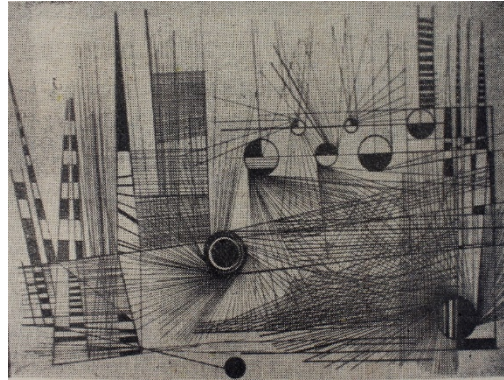


Figura 7: Registro de obra da Série Tessituras, Estela Campos, 1960.
Fonte: **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 set. 1960, Caderno 2, p. 2.

A exposição ocorreu no Salão de Arte da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, de 12 de agosto a 12 de setembro daquele ano, e contou com o patrocínio do Governo do Estado do Pará, a colaboração da Prefeitura de Belém, da 1ª Zona Aérea e da Casa do Pará no Rio de Janeiro. O texto que acompanha o folheto é de autoria de Eneida de Moraes, inteiramente transcrito abaixo:

Não é a primeira vez que Estela Campos vem lá de Belém do Pará com suas telas para mostrar à gente carioca que gosta de pintura e de desenho. Nessa artista que ama sua arte acima de tudo, há uma espécie de obrigação: a de vir buscar no Rio, capital da inteligência e do bom gosto brasileiro, críticas e aplausos.

Estela Campos é carioca, moradora em Belém, lá naquela cidade banhada de sol, tão bonita sempre, ela tem sua família, seus amigos, amigos que são sempre um incentivo à sua arte; se sua pintura ainda não está marcada pela cor, cheiro e sons do Pará, é que ela ainda vive em busca – numa infatigável busca – de si mesma. Pinta, desenha, vive embrulhada em sua modéstia, num silêncio imenso dos nossos rios, mas que se rompe quando ela quer contar em sua pintura, sua razão de ser.

Aqui estão os trabalhos que Estela Campos trouxe de Belém do Pará para a vossa crítica e vossos louvores. Aqui estou abraçando-a pelo seu amor à sua arte, desejando-lhe uma carreira brilhante. Isto não é uma apresentação pois Estela já é conhecida nesta cidade; é um abraço com os votos de sucesso (MORAES, 1960).

O folheto traz ainda os seguintes versos de Estela Campos: “Não desejo ser clara / antes perturbar / tudo o que perturba contém uma verdade / a verdade é clara por si mesma”, além de dados biográficos sobre a artista:

Estela Campos nasceu no Rio de Janeiro – Distrito Federal – hoje Estado da Guanabara. Fez os estudos primários e secundários em Portugal. Data, também, desse tempo, o primeiro contato com a pintura quando expôs um quadro, numa mostra infantil, organizada pelo seu colégio. Mais tarde, já no curso ginasial, estuda particularmente com um professor da Escola de Belas Artes do Porto mas abandona, logo em seguida, por motivos alheios à sua vontade. Regressando ao Brasil, repete o sétimo ano ginasial, como era de lei e ingressa na Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Pará onde recebe o grau de bacharel. Continua, no entanto, com o desenho. Volta a Portugal e, em Lisboa, durante três anos dedica-se ao estudo das artes em geral, frequentando os “ateliers” de Almada Negreiros e Sara Afonso (desenho e pintura), João Fragoso (cerâmica), Martins Correa (desenho – atelier livre). Empreende, então, uma viagem à França e Espanha visitando museus, inclusive Toledo e Escorial. Em 1950 participa em Lisboa – Portugal, do II Salão de Cerâmica Moderna, organizado pelo SNI (Palácio Foz), tendo apresentado três trabalhos, juntamente com grandes ceramistas portugueses como Barradas. Novamente em Belém, vê-se obrigada a sustar sua carreira artística embora nunca abandonasse a pesquisa pessoal. Desenvolve-se na advocacia, estreando no foro criminal e no trabalhista. Por essa ocasião realiza uma viagem ao sul do País – Rio e S. Paulo – onde tem a oportunidade de ver os trabalhos premiados na 1.ª Bienal de S. Paulo. Tornando a Belém, ingressa no foro cível e exerce temporariamente o cargo de Pretora do Cível e do Comércio da Capital, acumulando, também, as funções de juiz da 5.ª Vara Cível. Pelos fins de 1958 realiza uma exposição individual no Rio de Janeiro a qual teve lugar na Livraria S. José, do editor Carlos Ribeiro, famosa pelas suas tardes de autógrafos.

1961: VI Bienal de São Paulo

Estela Campos participou da VI Bienal de São Paulo com quatro desenhos: *Tobá-u-ta-ta 9*, *Tobá-u-ta-ta 10*, *Tobá 3* e *Tobá 7*, todas em “nanquim e colagem”, cujas respectivas dimensões eram 87cm x 122cm, 86cm x 122cm, 60cm x 84cm e 59cm x 79cm (BIENAL, 1961, p. 94). A ficha de inscrição da artista, disponível no AHWS, nos indica que todas as obras inscritas foram selecionadas. Também descreve a técnica como “Tinta da China a cores. Justaposição de cartão colorido – aplicação de materiais vários”. Os anexos da ficha, referentes a cada obra, nos indicam ainda que o suporte era papelão Duplex e os materiais eram cartão colorido, renda e botões.

1962: quinta exposição individual, Rio de Janeiro

Estela Campos voltou a apresentar exposição individual no Rio de Janeiro, inaugurada em 05 de novembro de 1962 na Galeria Macunaíma. O texto que acompanha o folheto da mostra é assinado pela própria artista:

ARTE é Liturgia e todo artista um sacerdote carismático que oficia com princípios mutáveis mas que participam do Eterno. O momento atual é de incerteza. Uma espécie de redemoinho vai-se desenvolvendo no campo econômico, social, político, religioso e a arte, que parece ser um reflexo diluído do passado, projeção das vivências presentes e clarividência dos fenômenos futuros, participa desta oscilação sem que perca a certeza dos seus gestos, pois eles se manifestam seguros através da indecisão do próprio raciocínio. Gostaria que todos pudessem integrar-se nesta ansiedade que se gera sempre que se esboça uma nova idade histórica. Seria um agradável sintoma.

A insuficiência dos processos, a incipiência dos materiais, o desejo de uma expressão que supere os conhecimentos físicos das coisas que até hoje nos envolveram – uma criação dinâmica, visual e mesmo ultra-visual pelas associações matemáticas que podem ser formadas no espaço, trazem o receio de um “impossível” pelos desencorajantes limites ambientes e problemas expressivos de toda categoria.

Não creio que, artistas, possamos realmente manifestar em toda a sua pujança a força tremenda de nossa criatividade. Hoje. Não creio, também, que o tenham conseguido os que nos antecederam. Ontem. Estamos por demais sozinhos. Sempre fomos por demais sozinhos, principalmente agora que a eclosão das energias como que rebentam as paredes do “atelier” em que individualmente trabalhamos.

Ao estudar a História do Universo, meus olhos convergiram maravilhados para a extraordinária experiência do Ocidente. Laços evocativos sustentam-me e permaneço equilibrada pela potência invisível dessas formas anteriores e das quais sinto-me depositária por um milésimo de um segundo cósmico.

No mundo, os elementos díspares, as funções caóticas principiam a evoluir, a tentaculizar, a convergir e unir atingindo a lógica numérica da interdependência que se origina de todas as suas vibrações.

Estes são os séculos da luta, do político, do dilema, da contradição. O futuro irá lentamente cedendo ao artista.

É necessário, então, aos três estados de alma – apolíneo, fáustico e mágico – apontados por SPENGLER, anexar e definir uma quarta posição (CAMPOS, 1962).

Como no folheto da exposição de 1959, há um texto biográfico sobre a artista, cujos principais acréscimos, em relação ao folheto anterior, são transcritos abaixo:

(...) Expõe em Belém do Pará sob os auspícios da Sociedade Artística Internacional. Expõe novamente no Rio, no Salão de Arte da Câmara dos Vereadores. Frequenta o primeiro ano de Doutorado em Direito Público com especialidade Direito Internacional na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil – Rio. Publica alguns trabalhos no SDJB – suplemento literário do Jornal do Brasil. Participa da VI Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Concede entrevista à Televisão Marajoara em Belém do Pará.

Há nos jornais textos publicados sobre a mostra, dentre os quais os mais relevantes são assinados por Ferreira Gullar (1962, p. 4), que identifica o recurso a “elementos *ready made*” e publica fotografia de uma obra (Figura 8), e o de Quirino Campofiorito (1962, p. 3), que se refere aos “botões usados em realidade e como elementos de forma e de matéria otimamente entrosados nos ritmos dinâmicos que são a característica de seus propósitos composicionais”.

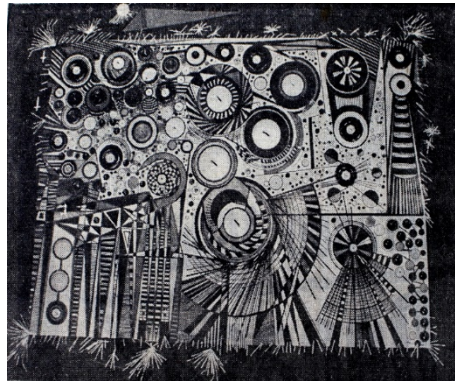


Figura 8: Registro de obra de Estela Campos, 1962.
 Fonte: **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 nov. 1962, Caderno B, p. 4.

1963: VII Bienal de São Paulo

Estela Campos voltou a participar da Bienal de São Paulo em 1963, com três desenhos: *Kromeliche 2*, *Kromeliche 3* e *Kromeliche 4*, todos “Colagem e nanquim, cartão” e dimensões de 69cm x 111cm (BIENAL, 1963, p. 142). A ficha de inscrição da artista, disponível no AHWS, nos informa que houve ainda a submissão de *Kromeliche 1*, possivelmente recusada. Um texto em jornal comenta brevemente sobre a participação de Estela Campos, “cujas telas com botões tamanha polêmica causou na VII Bienal” (MAURÍCIO, 1964, p. 2). Ainda não foram encontrados os registros de tal polêmica.

1964: II Bienal Americana de Artes, Córdoba

O catálogo da II Bienal Americana de Artes, realizada na cidade de Córdoba, Argentina, em 1964, ainda não foi localizado para consulta. Porém, conforme nota em jornal (II BIENAL, 1964, p. 3), Estela Campos integrou a representação brasileira na exposição, composta ainda por outras onze mulheres (algumas das quais são bastante representativas na historiografia da arte brasileira): Anna Szulc, Grauben Monte Lima, Helena Wong, Maria Leontina, Marília Gianneti Torres, Mira Schendel, Sheila Branningan, Teresa D’Amico, Tomie Ohtake, Wega Nery e Yolanda Mohalyi.

1965: VIII Bienal de São Paulo

A última participação de Estela Campos na Bienal de São Paulo parece ser também sua última atividade pública no campo das artes plásticas. Na mostra, a artista esteve presente com três pinturas: *Kráutla n.º 1*, *Kráutla n.º 2* e *Kráutla n.º 4*, todas em “tinta industrial sobre madeira”, cujas respectivas dimensões foram 113cm x 83cm, 113cm x 83cm e 84cm x 119cm (BIENAL, 1965, p. 119). Como se pode supor, a ficha de inscrição da artista, disponível no AHWS, indica a submissão também de *Kráutla n.º 3*, possivelmente não selecionada. Também descreve a técnica das obras como “Tinta industrial e ready-made”.

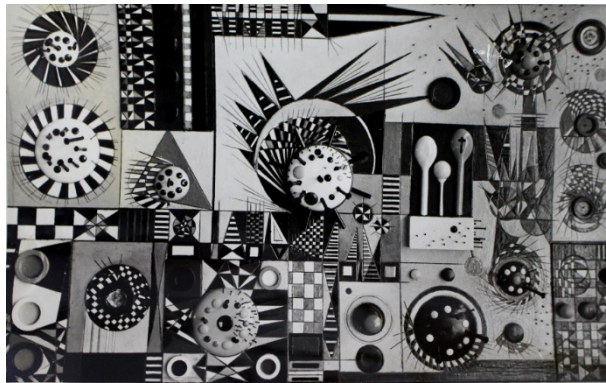


Figura 9: Registro de *Kráutla n.º 4*, Estela Campos, 1965.
Fonte: Pasta “Estela Campos”, AHWS.

Há fotografias de *Kráutla n.º 4* (Figura 9) na pasta da artista no AHWS, devido ao problema de descolamento de um dos elementos da mesma. Uma matéria em jornal (MAURÍCIO, 1965, p. 2) informa os valores das obras de Estela Campos (“400 e 500 mil” cruzeiros) e de outros artistas brasileiros da mostra, abrindo a possibilidade de análises comparativas.

Considerações finais

A produção de Estela Campos foi, em seu tempo, bem-sucedida e legitimada, tanto por sua recepção crítica quanto pela participação frequente em mostras coletivas de âmbito internacional. O seu ‘desaparecimento’ das narrativas museológicas, curatoriais e/ou historiográficas – nada incomum entre os artistas brasileiros – necessita de investigações que possibilitem compreender os mecanismos e meandros da construção dessas narrativas.

Dados os limites desse trabalho, optei por apontar as principais fontes disponíveis sobre a atuação artística de Estela Campos, de modo a torná-las públicas e facilitar novas análises. Um artigo mais aprofundado sobre o papel de Estela Campos na

consolidação do abstracionismo em Belém já está em vias de publicação (VIEIRA COSTA, no prelo). Da mesma forma, convém aprofundar análises sobre a sua produção em artes plásticas (ao menos por meio de seus registros, aqui publicados) e sobre suas atividades literárias.

Notas

ⁱ Disponível no site <<http://hemerotecadigital.bn.br>>. Acesso em: 19 set. 2017.

ⁱⁱ Um exemplar de *Kalta-ítsia* está disponível na Biblioteca Central da UFPA, na Coleção Eneida de Moraes.

Referências

- A BIBLIOTECA em agosto. A Província do Pará, Belém, 10 set. 1957, Cad. 1, p. 3.
- BENTO, Antônio. Estela Campos. Diário Carioca, 20 set. 1958, Cad. 1, p. 6.
- BIENAL de São Paulo. VI Bienal de São Paulo. Catálogo geral de exposição realizada de setembro a dezembro de 1961 no Parque do Ibirapuera, São Paulo. 1961.
- _____. VII Bienal de São Paulo. Catálogo geral de exposição realizada de setembro a dezembro de 1963 no Parque do Ibirapuera, São Paulo. 1963.
- _____. VIII Bienal de São Paulo. Catálogo geral de exposição realizada de setembro a dezembro de 1965 no Parque do Ibirapuera, São Paulo. 1965.
- CAMPOFIORITO, Quirino. Pintora do Pará vai expor no Rio. O Jornal, Rio de Janeiro, 17 ago. 1958a, Cad. 1, p. 7.
- _____. Duas pintoras. O Jornal, Rio de Janeiro, 23 set. 1958b, Cad. 2, p. 3.
- _____. Texto de apresentação. *In*: Estela Campos: exposição. Folheto de mostra realizada de 27 de maio a junho de 1959 na Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará, Belém 1959. [Disponível no AHWS].
- _____. Mostra de Estela Campos. O Jornal, Rio de Janeiro, 11 nov. 1962, Cad. 2, p. 3.
- CAMPOS, Estela. Texto de apresentação. *In*: Exposição de Estela Campos. Folheto de mostra realizada em novembro de 1962 na Galeria Macunaíma, Rio de Janeiro. 1962. [Disponível no AHWS].
- COELHO, Inocêncio Machado. Nota sobre a escultora e pintora Miranda Campos. A Província do Pará, Belém, 25 ago. 1957, Cad. 1, p. 8.
- COELHO, Joaquim Francisco. Da pintura de Estela Campos. A Província do Pará, Belém, 31 mai. 1959, Cad. 1, p. 8.
- EXPOSIÇÃO de pintura moderna na Biblioteca Pública, hoje. Folha do Norte, Belém, 21 ago. 1957, Cad. 1, p. 7.
- II BIENAL de São Paulo: aviso aos artistas do Rio. Correio da manhã, Rio de Janeiro, 20 ago. 1953, Cad. 1, p. 11.
- II BIENAL de Arte. Diário de Pernambuco, Recife, 11 out. 1964, Cad. 2, p. 3.
- INAUGURADA ontem a exposição de arte abstrata da pintora Miranda Campos. A Província do Pará, Belém, 22 ago. 1957, Cad. 2, p. 6.
- INAUGURADA a exposição de Estela Campos. A Província do Pará, Belém, 28 mai. 1959, Cad. 2, p. 6.
- LEITE, José Roberto Teixeira. Estela Campos na São José: último dia. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 23 set. 1958a, Cad. 1, p. 10.
- _____. Roteiro das Exposições. Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano 58, n. 40, 04 out. 1958b, p. 24.
- MAURÍCIO, Jayme. Estela Campos: Kalta-ítsia. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 03 dez. 1964, Cad. 2, p. 2.

_____. VIII Bienal: preços dos brasileiros. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 14 set. 1965, Cad. 2, p. 2.

MORAES, Eneida de. Encontro Matinal. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 18 set. 1958, Cad. 2, p. 6.

_____. Texto de apresentação. *In*: Estela Campos: exposição. Folheto de mostra realizada de 12 de agosto a 12 de setembro de 1960 no Salão de Arte da Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro. 1960. [Disponível no AHWS].

SERRÃO, Vítor. A cripto-história de arte: análise de obras de arte inexistentes. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

UMA exposição de arte abstrata. A Província do Pará, Belém, 20 ago. 1957, Cad. 2, p. 6.

VIEIRA COSTA, Gil. Estela Campos e os momentos iniciais do abstracionismo no Pará (1957-1959): hipóteses sobre invisibilidades na história da arte. Artigo científico no prelo.

Gil Vieira Costa

Gil Vieira Costa é professor no ILLA/Unifesspa (Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará). Cursa Doutorado em História no PPHIST/UFPA (Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará), sob orientação do Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo. Autor do livro *Espaços em trânsito*, Prêmio IAP de Artes Literárias 2013, sobre a produção artística contemporânea no Pará.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / Brasil (Processo n.º 305250/2016-7), por meio de Bolsa de Doutorado Sanduíche no País concedida de março a agosto de 2017 para estadia em São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (IFCH/UFPA) e co-orientação do Prof. Dr. Tadeu Chiarelli (ECA/USP).